



HUMANIDADE
Acompanhamento Terapêutico

Bruna Rinaldi

**O ESPAÇO “ENTRE” PROPORCIONADO PELA CLÍNICA
AMPLIADA**

São Paulo
2023

Bruna Rinaldi

**O ESPAÇO ENTRE PROPORCIONADO PELA
CLÍNICA AMPLIADA:**

Trabalho de Conclusão do Curso
“Formação nas Diversidade do
Acompanhamento Terapêutico” da Equipe
Humanidade AT como requisito para
emissão de certificado.

São Paulo

2023

- **Introdução**

Durante meu caminho como acompanhante terapêutica descobri o lugar do entre. Relembro os meses anteriores ao começo da minha atuação nessa área, em que me sentia perdida, com aquele frio na barriga de um começo desconhecido. Em uma manobra ôptica para me sentir um pouco menos desorientada e mais segura sobre o que poderia se apresentar, me debrucei em diversos textos e vídeos sobre pessoas que compartilhavam a vivência de ser AT. Dentre vários, o que mais me convocou foi uma professora que dizia que o acompanhante trabalha no entre, ele está na mediação do sujeito e seu contexto de mundo. Desde então esse aspecto do meio, de estar entre espaços, pessoas, sentimentos e situações, passou a me chamar a atenção a ponto de ter desenvolvido um trabalho artístico também com esta temática.

Assim, ao longo do meu trabalho como acompanhante dentro de uma escola, me observava compartilhando de diversos "entres", convivendo com várias instâncias que demandavam coisas diferentes, estava entre: a criança e a escola, a criança e sua família, a criança e a instância judicial que julgava o processo de separação dos pais, a criança e sua equipe médica. Essas eram algumas das esferas que compunham o meu cenário de atuação, ao mesmo tempo que complexificavam o mesmo. Me faziam questionar: Quando você está no meio a quem você deve responder? Responder às demandas do pai ou da mãe? Responder os pedidos da criança, da família ou da escola? Me posiciono em que lado? Estou de algum lado? O meio certamente é confuso por te jogar no próprio percurso, por não ser uma coisa nem outra, ele não está delimitado por uma única posição, ele é o espaço entre não definido e que deve ser construído no próprio ato do fazer.

Este ensaio e meu trabalho artístico partiu da inquietação com essa zona intermediária que se manifesta no próprio devir, na ação da experiência enquanto ela se dá, no próprio transitar pelo mundo. Enquanto meu trabalho artístico focou na captura desse espaço do meio entre dois corpos, esse espaço do meio que também é o vazio, um vazio que pode ser criativo justamente por não ser nada, ele pode ser tudo; este trabalho de ensaio será sobre as especificidades e características deste espaço do meio, habitado pelo acompanhante junto ao seu paciente.

Dessa forma, o presente ensaio irá perpassar pelas noções de espacialidade para Heidegger, a fim de aprofundar noções de espaço para a fenomenologia. Depois irá se propor a pensar as especificidades do espaço da clínica ampliada em comparação a clínica convencional, já que durante o acompanhamento terapêutico você permeia o não saber de um contexto que propõe diversas variáveis, muitos atravessamentos bem diferentes daqueles que são evitados pelas paredes rígidas do consultório privado. Para, ao fim, chegar na reflexão sobre o espaço entre proporcionado pela clínica

ampliada, observações sobre o que poderia ser este espaço e suas características próprias.

- **Alguns apontamentos sobre noção de espaço para a fenomenologia**

Do parágrafo 22 a 24, Heidegger aprofunda a noção de espacialidade em sua obra *Ser e Tempo* (1927). De forma a direcionar ao foco do presente ensaio de trabalho será discutido aqui apenas um desses parágrafos, aquele que remete *A espacialidade do ser-no-mundo*. Nesta secção, Heidegger conclui que ao atribuir espacialidade ao ser-aí é preciso considerar esse ser-no-espaço a partir de seu próprio modo de ser. Só é possível pensar em espacialidade por causa do ser-em do Dasein que está e é em um mundo. Para ele, essa espacialidade se apresenta de duas formas nas características do *des - distanciamento* ("Ent-fernung") e *direcionamento* ("Ausrichtung").

Dentre estas duas características a que será aprofundada é o *des - distanciamento*. De forma paradoxal, Heidegger define que este modo de ser-em permite descobrir a distância como proximidade. Logo de início se preocupa em fazer a distinção entre distância e distanciamento. O existencial "distanciamento" não pode ser entendido como distância ou como um intervalo físico entre coisas. A distância é uma determinação categorial dos entes destituídos do modo de ser do Dasein (HEIDEGGER, 1993, p.158). Já o distanciamento pode ter em uma de suas formas o distanciar, como apenas um modo determinado de surgir. Ao isso acontecer Heidegger postula que: o distanciar diz fazer desaparecer o distante, isto é, a distância de alguma coisa diz proximidade (HEIDEGGER, 1993, p.158). Talvez por conta do Dasein ao *des - distanciar* algo está aproximando este algo à sua circunvisão, trazendo para a proximidade no sentido de apontar, ter à mão.

No *des-distanciamento*, a avaliação da distância não é feita como intervalo, mas em suas determinações próprias, compreensíveis para modo de ser cotidiano do Dasein (HEIDEGGER, 1993, p. 159). Dessa forma, a distância não deve ser apreendida como um intervalo físico e mensurado entre coisas, já que ela depende da forma como Dasein está se ocupando de seus hábitos. Por exemplo por vezes medimos a distância entre um lugar e outro através do tempo ou da forma como se vai á este lugar, "estou a dois passos", "estou a meia hora"; só que, na verdade, esta trajetória está sendo avaliada não por estas medidas pré-estabelecidas e sim pela forma como o ser-aí se ocupa com esse trajeto em sua circunvisão e ocupação. Isso explica a percepção de que um trajeto mensuradamente mais curto, ser sentido e experienciado como mais demorado, dependendo da tonalidade afetiva que o ser-aí se encontra. É por isso que em seus caminhos o Dasein não atravessa um trecho do espaço como uma coisa corpórea simplesmente dada (HEIDEGGER, 1993, p.160).

Nesse sentido, Heidegger afirma (1993, p.160):

Orientando-se primária ou até exclusivamente pelas distâncias enquanto intervalos medidos, encobre-se a espacialidade originária do ser-em. O que se pretende "mais próximo" não é, de forma alguma, o que tem o menor intervalo "de nós". O "mais próximo" é o que está distante no raio de uma visão, apreensão e alcance medianos. (HEIDEGGER, 1993, p.160).

Esta reflexão é o que permite concluir o espaço em seu caráter paradoxal já que algo extremamente próximo fisicamente pode ser sentido profundamente distante, assim como, quando se está junto a alguém é possível se sentir extremamente sozinho. Isso porque o espaço não é mensurado por uma medida física, mas sim pela tonalidade afetiva de como aquilo se mostra para cada um. O mundo circundante descoberto na circunvisão é o que permite que cada um tenha uma experiência diferente em um mesmo espaço, podendo senti-lo de diversas formas.

Em função de se aproximar da espacialidade em seu sentido originário, despida das necessidades de medir espaços através de extensões quantitativas, para que seja possível experimentar um trecho não como algo dado, mas sim como uma travessia sentida e experimentada, nasce a presente pesquisa, como uma tentativa de pensar espaço através de sentimentos e percepções. Neste caso, o espaço da clínica ampliada, mais especificamente o acompanhamento terapêutico que será aprofundado no próximo capítulo através de comparações com a clínica tradicional. Para depois, se chegar ao "entre" proporcionado pela atuação no acompanhamento terapêutico.

- **Uma comparação entre os espaços proporcionados pela clínica ampliada e a clínica tradicional**

Com o tempo o molde do setting tradicional foi desmoronando, as rígidas paredes do consultório foram demolidas em favor de uma perspectiva mais ampliada. Só que antes deste movimento de maior abertura era visto uma grande prioridade em tratamentos que consistiam em tirar as pessoas de suas vidas regulares para hospitalizá-las. A patologia era pouco considerada como uma questão que acontece em um determinado espaço entre indivíduos, naquele momento era desconsiderado um tratamento que priorizasse a criação de círculos sociais e a reconstrução de relacionamentos no contexto de vida do paciente, na verdade o paciente passava pela alienante e estigmatizada experiência de hospitalização.

Foi compreendido que a hospitalização ocorria em função de uma segregação social daqueles eram considerados "loucos" pelos olhares da normalidade. Além da separação do meio social, muitas identidades e histórias sofriam apagamentos pela dinâmica dos manicômios. Através da prescrição abusiva de medicações, da fixação do sujeito em um estigma, do foco no diagnóstico, o sujeito ia sendo apagado em função de um nome que não considerava sua história e nem sua singularidade.

A fim de que se ocorresse uma ampliação no campo teórico e prático do cuidado e se considerasse a dimensão subjetiva e social dos sujeitos no tratamento em saúde mental, nasce a Clínica Ampliada. Como um dos segmentos da clínica ampliada, o acompanhamento terapêutico surge como um trabalho de ir ao encontro dos pacientes, onde quer que eles estejam, justamente para que seja considerado o espaço social em que se convive o sujeito. Seria o trabalho de viver a cena no ato, em que o fazer clínico se dá no próprio acontecimento.

Uma vez abordada a origem deste campo de atuação, vale pensar as especificidades de uma clínica que acontece no território do paciente. O espaço do setting vira as ruas, o enquadre clínico se amplia a ponto de poder estar em qualquer lugar com o intuito de ser terapêutico e promover uma transformação. Isto é o que dá o direcionamento em um arsenal de contextos clínicos. É uma clínica sem anteparos, sem as barreiras de proteção dos consultórios, em que estar na rua com os pacientes implica viver mais riscos, e assim, também se mostrar vulnerável, algo tão evitado pelos terapeutas.

Os moldes da clínica tradicional não se dão somente na disposição dos consultórios, mas também na tendência de uma postura mais fria e mais distanciada dos pacientes dentro deste contexto. Talvez em uma certa defesa para evitar o risco de se mostrar, alguns terapeutas se distanciam do paciente em uma posição muito demarcada pelo próprio setting clínico, como por exemplo: as poltronas com um grande espaçamento entre uma e outra que pode ser percebido tanto fisicamente pela distância, quanto afetivamente pela frieza do terapeuta que estabelece um afastamento sentido, e não mensurado. Enquanto na clínica ampliada, em vez de você se posicionar à frente com a ideia de que detém um suposto saber, o terapeuta se posiciona ao lado, em um caminhar em conjunto em que o saber é construído ao longo dos atendimentos. Se posicionar ao lado é estar junto nesse caminho de formas diferentes, mas não separadas.

Portanto, a clínica ampliada pressupõe uma outra disposição do terapeuta que implica em estar em alguma medida disponível para vivenciar riscos, para se mostrar, para viver pessoas e situações diversas junto ao paciente. Disponível para transitar e se permitir ser transitado pelas experiências que emergem desse encontro. Sendo assim, o espaço proporcionado pela clínica ampliada possui outras especificidades, algumas já citadas ao longo deste trabalho, porém ainda é válido aprofundar a poética deste espaço que seria o "espaço entre", dentro de um dos segmentos desta clínica, o acompanhamento terapêutico.

- **O espaço entre proporcionado pela clínica ampliada**

A fim de chegarmos à possibilidade de experimentar a espacialidade de forma sentida e experimentada, e não como uma extensão quantitativa, cabe a consideração do espaço como uma poesis. A poesis poderia se tratar da sensibilidade, do encantamento, e da inspiração em um trajeto que não está dado, e que se desvela como inédito a cada encontro. Para que se revele como tal, o espectador deve ter uma atitude antinatural quanto às coisas, desvinculando-as de seus conceitos prévios em direção a "epoché" tão aprofundada pela filosofia de Husserl. Assim, se torna possível o desvelar da experiência em seu caráter mais sensível e afetivo já que a percepção das coisas se dá pela via sensorial e menos racional. Dessa forma, é possível chegar à experiência do acompanhamento terapêutico a partir do modo como o espaço é sentido e experimentado.

A palavra que representa a atuação do acompanhante terapêutico é a mediação, é estar posicionado no meio. O terapeuta se posiciona entre a pessoa e seu contexto de vida, entre a pessoa e a instituição que está localizada, entre a pessoa e suas relações. Ao estar posicionado nesta mediação, o setting clínico se torna a vivência do percurso, a proposição de um caminho que não é início e nem fim, está justamente em um meio que é trajeto, é a transitoriedade. Seria o espaço do devir, de onde as coisas se manifestam na experiência, no transitar pelo mundo. A característica de se situar no meio implica em não estar fixado em um substantivo ou outro, e poder ser verbo, ser a ação que acontece em tempo real durante o encontro, não é um tempo fechado ou estático, é como um acontecimento.

Ao se situar no meio propõe que o paciente também se posicione neste entre, já que o objetivo é vivenciar o processo terapêutico, sem saber exatamente como será esse destino final, mas que a única certeza é que terá um acompanhante neste trajeto. Assim o "entre" é experimentado pela dupla, para o terapeuta como um posicionamento de atuação e para o paciente como uma proposição de caminho. Enquanto sugere este caminho do meio, terapeuta e paciente estão nesta trajetória juntos, com a peculiaridade de não apenas ser um transitar por um espaço físico delimitado, mas sim um transitar reflexivo, transformador em um espaço produtor de vida, sentidos e significados.

Durante este acontecimento, o terapeuta pode viver na própria atuação clínica muitas das coisas que são contadas no consultório privado. Indo além da experiência proporcionada pela clínica tradicional, o acompanhamento sugere além da escuta, a vivência da experiência escutada, esta que muitas vezes acontece no próprio desenrolar do atendimento. Enquanto a clínica convencional sugere uma abstração do contexto de

vida da pessoa, um certo parênteses do campo relacional, a clínica ampliada expande cenários e cria vivências diversas.

Sendo assim, podemos considerar a percepção do espaço proporcionado pelo acompanhamento terapêutico como o lugar do "entre" sentido por terapeuta e paciente em um transitar específico e singular caracterizado pelas proposições da clínica ampliada. Neste presente trabalho perpassamos pelas noções de espacialidade através de Heidegger, esta que trouxe a consideração de que o espaço não é mensurado por uma medida física, mas sim pela tonalidade afetiva de como aquele lugar se mostra cada para um. Logo depois visitamos as comparações entre a clínica convencional e a ampliada para podermos refletir as contribuições trazidas pelo advento da expansão do espaço proporcionado pela clínica, esta que se amplia a ponto de poder estar em qualquer lugar com o intuito de ser terapêutica e promover uma transformação. Dessa forma, a espacialidade dentro da clínica ampliada será sentida e experimentada pelo espaço do "entre". Concluímos que este espaço significa do caminho do meio, do constante devir do processo terapêutico, este que não é um tempo fechado ou estático, é como um acontecimento.

- **Referência Bibliográfica**

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10ª ed. Petrópolis, São Paulo: Vozes, Editora Universitária São Francisco, 2017.

*Também houve referência a partir de reflexões desencadeadas por aulas do curso.